

Mais de 300 mil livros vendidos no Brasil

ALI HAZELWOOD

AUTORA DE A HIPÓTESE DO AMOR

Xequemate





A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

Xeque-mate



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

ALI HAZELWOOD

Xeque-mate



ARQUEIRO

Título original: *Check & Mate*

Copyright © 2023 por Ali Hazelwood
Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado originalmente nos Estados Unidos pela G. P. Putnam's Sons, um selo da Penguin Random House LLC.

Direitos de tradução combinados com Sandra Dijkstra Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Roberta Clapp

preparo de originais: Beatriz D'Oliveira

revisão: Ana Grillo e Rafaella Lemos

diagramação: Gustavo Cardozo

capa e ilustração: lilitosaur

imagem de capa: Texture background wall / Shutterstock (fundo)

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

foto da autora: © Katie Warren

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H337x

Hazelwood, Ali

Xeque-mate [recurso eletrônico] / Ali Hazelwood ; tradução Roberta Clapp. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2023.
recurso digital

Tradução de: Check & mate

Formato: epub

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-575-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção italiana. 2. Livros eletrônicos. I. Clapp, Roberta. II. Título.

23-85716

CDD: 853
CDU: 82-3(450)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1767 - conjunto 177 - Pinheiros
05404-014 - São Paulo - SP
Tel.: (11) 3868-4492 - Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Sarah A. e Helen,
vocês sempre serão minhas favoritas.

SUMÁRIO

Prólogo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Epílogo

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro

Prólogo



“Fiquei sabendo, por fontes confiáveis, que você é um símbolo sexual da Geração Z.”

Quase deixo o celular cair.

Tá: eu deixo o celular cair, mas consigo salvá-lo antes de ele mergulhar em um béquer cheio de amônia. Depois olho ao redor, me perguntando se mais alguém aqui no laboratório ouviu.

Os outros alunos estão trocando mensagens ou se divertindo com seus equipamentos. A Sra. Agarwal está em sua mesa, fingindo corrigir umas provas, mas provavelmente lendo alguma fanfic erótica envolvendo Bill Nye. Um odor (não letal, espero) de ácido etanoico sobe da minha bancada e os AirPods continuam em minhas orelhas.

Ninguém presta atenção em mim ou no vídeo na tela do meu celular, então dou Play para retomar a exibição.

“Saiu na revista Time, duas semanas atrás. Na capa. Uma foto do seu rosto e, logo embaixo, ‘Símbolo sexual da Geração Z’. Como você se sente em relação a isso?”

Espero ver Zendaya. Harry Styles. Billie Eilish. Todos os membros do BTS, amontoados no sofá de um *talk show* noturno qualquer que o algoritmo

do YouTube decidiu me sugerir depois que o tutorial sobre o experimento de pH terminou. Mas é só um cara. Um garoto, talvez? Ele parece deslocado na cadeira de veludo vermelho, com camisa escura, calça escura, cabelo escuro. Sua expressão é sombria e completamente enigmática quando ele diz em uma voz grave e séria:

“Não parece certo.”

“É mesmo?”, reage o apresentador (Jim, James ou Jimmy, não sei).

“A parte da Geração Z, tudo bem”, diz o convidado. *“A do símbolo sexual, nem tanto.”*

O público se diverte, batendo palmas e gritando, e é nesse momento que decido ler a legenda. *Nolan Sawyer*. Há uma descrição explicando quem ele é, mas não preciso dela. Posso até não reconhecer seu rosto, mas conheço esse nome desde que me entendo por gente.

Conheça o Matador de Reis: o melhor jogador de xadrez do mundo.

“Deixa eu te dizer uma coisa, Nolan: inteligente é o novo sexy.”

“Ainda não tenho certeza se me qualifico.”

Seu tom é tão seco que me pergunto como seu agente o convenceu a participar dessa entrevista. Mas o público ri e o apresentador, também. Ele se inclina para a frente, obviamente encantado com esse jovem que tem o corpo de um atleta, pensa como um físico teórico e é dono de um patrimônio digno de um empresário do Vale do Silício. Um prodígio, notável e bonito, que não admite que é especial.

Eu me pergunto se Jim-Jimmy-James ouviu o que *eu* ouvi. A fofoca. As histórias cochichadas por aí. Os rumores sombrios sobre o menino de ouro do xadrez.

“Vamos só concordar que xadrez agora é sexy. E isso graças a você. Desde que você começou a jogar, o xadrez renasceu. Alguém gravou vídeos comentando suas partidas, que viralizaram no TikTok... no ChessTok, como o pessoal me explicou. E agora tem muita gente aprendendo a jogar. Mas, antes de mais nada: você é um Grande Mestre, o título mais alto que um jogador de xadrez pode alcançar, e acabou de ganhar seu segundo Campeonato Mundial, contra...” O apresentador precisa dar uma olhadinha na ficha em cima da mesa, porque Grandes Mestres comuns não são tão famosos como Sawyer.

“Andreas Antonov. Parabéns.”

Sawyer assente uma única vez.

“E você acabou de fazer 18 anos. Quando foi mesmo?”

“Três dias atrás.”

Três dias atrás, *eu* fiz 16 anos.

Há dez anos e três dias, ganhei meu primeiro tabuleiro de xadrez – peças de plástico, em roxo e cor-de-rosa – e chorei de alegria. Passava o dia todo jogando, carregava-o para todos os lugares e depois me aconchegava com ele na cama.

Agora não consigo sequer lembrar qual é a sensação de segurar um peão.

“Você começou a jogar muito novo. Seus pais te ensinaram?”

“Meu avô”, responde Sawyer. O apresentador parece surpreso, como se não esperasse que Sawyer fosse tocar nesse assunto, mas se recupera logo.

“Quando você se deu conta de que era bom o suficiente pra ser um profissional?”

“Será que eu sou bom o suficiente?”

Mais risadas do público. Eu reviro os olhos.

“Você sempre soube que queria ser jogador de xadrez profissional?”

“Sim. Eu sempre soube que não havia nada de que eu gostasse tanto quanto vencer uma partida de xadrez.”

O apresentador ergue uma sobrancelha.

“Nada?”

Sawyer não hesita.

“Nada.”

“E...”

– Mallory? – Uma mão pousa no meu ombro. Dou um pulo e tiro um dos fones. – Precisa de ajuda?

– Não! – Sorrio para a Sra. Agarwal, guardando o celular no bolso de trás. – Acabei de terminar o vídeo com as instruções.

– Ah, perfeito. Lembre-se de colocar as luvas antes de adicionar a solução ácida.

– Pode deixar.

O resto da turma está quase terminando o experimento. Franzo a testa e

me apresso para alcançar os outros. Alguns minutos depois, quando não consigo encontrar meu funil e derramo um pouco do bicarbonato de sódio, paro de pensar em Sawyer e na voz dele ao dizer que gostava de xadrez acima de tudo. E não penso nele novamente por pouco mais de dois anos. Isto é, até o dia em que jogamos um contra o outro pela primeira vez.

E eu acabo com ele.



PARTE UM

Abertura

Capítulo Um



Dois anos depois

Easton é esperta, porque consegue me convencer a sair com a promessa de *bubble tea* grátis. Mas também é burra, porque nem espera até que eu já esteja tomando meu chá com espuma de cream cheese e chocolate para dizer:

- Eu preciso de um favor.
- Não.

Sorriso para ela. Pego dois canudos da caixinha e lhe ofereço um, que ela ignora.

- Mal, você nem ouviu o que...
- Não.
- Tem a ver com xadrez.
- Bom, nesse caso...

Sorriso em agradecimento à garota que me entrega meu pedido. Nós saímos duas, talvez três vezes no verão passado, e tenho lembranças vagas e agradáveis dela. Batom de framboesa; Bon Iver tocando baixinho em seu Hyundai Elantra; a mão macia e fria sob a minha regata. Infelizmente, nenhuma dessas memórias inclui o nome dela. Mas ela escreveu *Melanie* no

meu chá, então tudo bem.

Trocamos um sorriso breve e íntimo, e eu me viro para Easton.

– Nesse caso, é um duplo não.

– Estou com um jogador a menos. Em um torneio de equipes.

– Eu não jogo mais. – Olho o celular. São 12h09. Tenho 21 minutos antes de precisar voltar para a oficina. Bob, meu chefe, não é exatamente um ser humano gentil e piedoso. Às vezes acho que nem ser humano ele é. – Vamos tomar o chá lá fora, vou passar a tarde embaixo de um Chevrolet Silverado.

– Qual é, Mal? – Ela me olha de cara feia. – É xadrez. Você ainda joga.

Quando minha irmã, Darcy, estava no sexto ano, um professor anunciou que ia mandar o porquinho-da-índia da turma para uma “fazenda no interior”. Por não saber ao certo se a fazenda realmente existia, Darcy decidiu sequestrá-lo. O porquinho, não o professor. Há um ano coabito com Golias, o Sequestrado – um ano negando-lhe as migalhas do jantar, desde que o veterinário que não temos dinheiro para pagar nos implorou de joelhos para que o bicho entrasse numa dieta. Infelizmente, Golias tem a incrível habilidade de sempre me convencer com um mero olhar.

Assim como Easton. Suas expressões deixam transparecer a mesma teimosia, pura e inesgotável.

– Nana-nina-não. – Bebo o chá pelo canudo. Divino. – Eu esqueci as regras. O que o cavalinho faz mesmo?

– Engraçadinha.

– Não, sério, xadrez é como mesmo? A dama conquista Catan sem passar pelo Início...

– Eu não estou pedindo para você fazer o que costumava fazer.

– E o que eu *costumava* fazer?

– Lembra quando você tinha 13 anos e ganhou de todas as crianças do Clube de Xadrez de Paterson, depois dos adolescentes, depois dos adultos? E aí chamaram pessoas de Nova York para você humilhar? Eu não preciso *disso*.

Na verdade, eu tinha 12 anos quando isso aconteceu. Lembro bem, porque papai estava ao meu lado, com a mão morna em meu ombro magrelo, proclamando com orgulho: “Não ganho uma partida contra Mallory desde

que ela completou 11 anos, no ano passado. Ela é extraordinária, não é mesmo?” Mas não digo nada e, em vez disso, me sento em um trecho de grama, próximo a um canteiro de flores cheio de zínias lutando para sobreviver. Agosto em Nova Jersey não é o lugar favorito de ninguém.

– Lembra o que aconteceu no meio daquelas partidas simultâneas? Quando eu estava prestes a desmaiar e você falou pra todo mundo se afastar...

– ... e te dei o meu suco – completa Easton.

Ela se senta ao meu lado. Olho para seu delineado perfeito, depois para meu macacão manchado de óleo, e é bom sentir que algumas coisas nunca mudam. A perfeccionista Easton Peña, aquela que sempre tem um plano, e sua caótica aliada, Mallory Greenleaf. Estudamos juntas desde o primeiro ano, mas não interagimos de fato até ela entrar no Clube de Xadrez de Paterson, aos 10 anos. Sua personalidade já estava, de certa maneira, formada. Ela já era a pessoa incrível e teimosa que é hoje em dia.

– Você realmente gosta de jogar essa porcaria? – perguntou ela um dia, quando jogamos uma partida uma contra a outra.

– Você não? – perguntei de volta, chocada.

– Claro que não. Eu só preciso de atividades extracurriculares diversificadas. Bolsas de estudos universitárias não caem do céu.

Dei xeque-mate nela em quatro jogadas e a adoro desde então.

É engraçado que Easton nunca tenha gostado de xadrez como eu, mas continue jogando até hoje. Que estranho triângulo amoroso nós formamos.

– Então você está me devendo pelo suco... Participe do torneio – ordena ela. – Eu preciso de uma equipe de quatro jogadores. Está todo mundo de férias, e quem não está não sabe a diferença entre xadrez e damas. Você nem precisa ganhar... e vai para a caridade.

– Que caridade?

– Faz diferença?

– Claro. Vai para uma instituição estratégica de direita? Para o próximo filme do Woody Allen? Para alguma doença de mentira, tipo histeria ou sensibilidade a glúten?

– Sensibilidade a glúten *não* é uma doença de mentira.

– É mesmo?

– É. E o torneio é para... – Ela digita furiosamente no celular. – Não estou conseguindo achar, mas será que a gente pode ir logo ao que interessa? Nós duas sabemos que você vai dizer sim.

Eu franzo a testa.

– Nós não sabemos de nada disso.

– Talvez *você* não saiba.

– Eu tenho força de vontade, Easton.

– Tá bom.

Ela mastiga as bolinhas de tapioca, agressiva, desafiadora, de repente mais urso-pardo do que porquinho-da-índia.

Easton diz isso porque se lembra do nono ano, quando me convenceu a ser vice de sua chapa para representante de turma. (Nós perdemos. Feio.) E do primeiro ano do ensino médio, quando Missy Collins andava espalhando fofocas e ela me recrutou para hackear o Twitter da garota. Do segundo ano também, quando fiz o papel da Sra. Bennett no musical *Orgulho e preconceito* que ela escreveu e dirigiu – mesmo sabendo ser má ideia e meu alcance vocal ser de meia oitava. Eu provavelmente teria concordado com algo idiota durante o último ano também se as coisas em casa não tivessem estado... bem, do ponto de vista financeiro, menos do que boas. E se eu não tivesse passado cada segundo livre trabalhando na oficina.

– Todo mundo sabe que você é incapaz de dizer não – aponta Easton. – Então diz logo que sim.

Verifico meu celular – tenho mais doze minutos de intervalo. Hoje está fazendo um calor dos infernos, já terminei meu *bubble tea* e olho para o copo dela com interesse. Melão *honeydew*: meu segundo sabor favorito.

– Vou estar ocupada.

– Com o quê?

– Um encontro.

– Com quem? O cara das plantas carnívoras? Ou com a sócia da Paris Hilton?

– Nenhum dos dois. Mas vou achar alguém.

– Ah, fala sério. É uma forma de a gente passar um tempo juntas antes da

faculdade.

Eu me endireito e esbarro o cotovelo no dela.

– Quando você vai?

– Daqui a menos de duas semanas.

– *O quê?* A gente *acabou* de se formar, tem tipo...

– Três meses? Eu tenho que estar no Colorado quinze dias antes das aulas para a orientação.

– Ah. – É como acordar de um cochilo no início da tarde e descobrir que já está escuro. – Ah – repito, um pouco chocada.

Eu *sabia* que isso estava por vir, mas em algum ponto entre a crise de mononucleose da minha irmã, a semana que minha mãe passou no hospital, a mononucleose da minha *outra* irmã e todos os turnos extras que fiz, devo ter perdido a noção do tempo. Isso é assustador: sempre morei na mesma cidade que Easton. Sempre a encontrei uma vez por semana para jogar *Dragon Age* ou falar sobre *Dragon Age* ou assistir a streamings de *Dragon Age*.

Talvez a gente precise de hobbies novos.

Tento dar um sorriso.

– Acho que o tempo voa quando a gente está se divertindo.

– Você está se divertindo, Mal?

Seus olhos se estreitam na minha direção e solto uma risada.

– Não ri, *não*, Mal! Você está sempre trabalhando. Ou levando suas irmãs ou sua mãe para alguma consulta médica, e... – Ela passa a mão por seus cachos escuros e os deixa despenteados, um bom indicador de sua frustração. Nível 7 de 10, eu diria. – Você era a primeira aluna da nossa turma. Você é um gênio da matemática e consegue memorizar *qualquer coisa*. Recebeu três propostas de bolsa de estudos... uma delas para ir para Boulder comigo. Mas decidi não ir, e agora parece que está *presa* aqui, sem um futuro à vista e... quer saber? A escolha é sua, e eu te respeito por isso, mas você podia pelo menos se permitir fazer *alguma coisa* divertida. Uma coisa de que você goste.

Fito suas bochechas coradas por um, dois, três segundos, e quase abro a boca para dizer que o dinheiro da bolsa serve para a gente cursar a faculdade, mas não para pagar a hipoteca da casa, o acampamento de roller derby da

irmã, a ração reforçada com vitamina C do animal de estimação sequestrado pela sua outra irmã ou o que quer que seja necessário para diluir a culpa no fundo do estômago. Quase abro a boca. Mas, no último minuto, apenas desvio o olhar, que acaba se direcionando para o meu telefone.

São 12h24. Merda.

– Tenho que ir.

– O quê? Mal, você está chateada? Eu não queria...

– Não. – Sorrio para ela. – Mas meu intervalo acabou.

– Você *acabou* de chegar.

– É. O Bob não é muito fã de horários humanamente razoáveis nem de equilíbrio entre vida pessoal e profissional. Alguma chance de você *não estar* pensando em tomar todo o seu chá?

Ela revira os olhos com força suficiente para distender um músculo, mas estende o copo para mim. Eu bato meu punho fechado no dela antes de me afastar.

– Depois me diz o que você decidiu em relação ao torneio! – grita Easton atrás de mim.

– Eu já disse.

Ouçoo um gemido. Depois um “Mallory” sério e agudo, que me faz virar apesar da ameaça do hálito fedorento de Bob na minha cara, gritando que estou atrasada.

– Escuta, eu não quero te forçar a fazer nada. Mas o xadrez era a coisa mais importante da sua vida. E agora você não quer mais jogar nem por uma boa causa.

– Tipo sensibilidade a glúten?

Ela revira os olhos mais uma vez e eu corro de volta para o trabalho, dando risada. Quase não chego a tempo. Estou reunindo minhas ferramentas antes de desaparecer sob o Silverado quando meu celular vibra. É o print de um panfleto. Diz: *Torneio Olímpico de Clubes. Região de Nova York. Em parceria com Médicos Sem Fronteiras.*

Sorrio.

MALLORY: tá, essa é uma boa instituição de caridade

BRET EASTON ELLIS: Eu falei. Além disso:

Ela me envia um link para uma página falando sobre sensibilidade a glúten, que aparentemente existe.

MALLORY: tá bem, então existe mesmo

BRET EASTON ELLIS: Eu falei.

MALLORY: você sabe que esse é o seu slogan, né?

BRET EASTON ELLIS: Meu slogan é "Eu tinha razão". E aí, vai participar do torneio?

Eu bufo e quase digito *não*. Quase a lembro do motivo de eu não jogar mais xadrez.

Mas então a imagino indo para a faculdade, passando vários meses lá, e eu aqui, sozinha, tentando conversar sobre um streaming de *Dragon Age* durante um encontro com alguém que só quer dar uns pegadas e mais nada. Penso nela voltando para casa para passar o Dia de Ação de Graças com a família: talvez com um *undercut*, ou tendo virado vegana, usando estampa de vaca. Talvez ela se torne outra pessoa totalmente diferente. Vamos nos encontrar nos lugares de sempre, assistir a nossas séries de sempre, fofocar sobre as mesmas pessoas de sempre, mas não será a mesma coisa, porque ela terá feito novos amigos, visto coisas novas, criado novas memórias.

O medo apunhala meu peito. Medo de que ela mude, desabroche e nunca mais seja a mesma. Mas eu serei. Estarei aqui em Paterson, estagnada. Não abordaremos o assunto, mas isso será um fato.

Então digito:

MALLORY: tá bem. a saideira

BRET EASTON ELLIS: Viu? Eu tinha razão.

MALLORY: 🙄

MALLORY: você vai me pagar levando minhas irmãs pro acampamento na semana que vem pra eu poder pegar mais turnos no trabalho.

BRET EASTON ELLIS: Mal, não.

BRET EASTON ELLIS: Mal, por favor. Qualquer outra coisa.

BRET EASTON ELLIS: Mal, elas são ASSUSTADORAS.

MALLORY: 🐱

– Ei, Greenleaf! Eu não te pago pra você ficar no Instagram nem pra ficar comprando sanduíche de abacate. Vai trabalhar.

Reviro os olhos. Internamente.

– Geração errada, Bob.

– Tanto faz. Vai. Trabalhar.

Enfio o celular no bolso do macacão, suspiro e obedeço.



– Mal, a Sabrina beliscou o meu braço e me chamou de bafo de cocô!

– Mal, a Darcy bocejou na minha cara com aquele *bafo de cocô* nojento!

Suspiro e continuo a preparar o mingau de aveia das minhas irmãs. Canela e leite desnatado, sem açúcar ou “Eu te mato, Mal. Por acaso você já ouviu falar de algo chamado *saúde?*” (Sabrina); manteiga de amendoim, Nutella genérica, banana e “Pode colocar um pouco mais de Nutella, por favor? Estou tentando crescer uns 30 centímetros antes de chegar no oitavo ano!” (Darcy).

– Mallory, a Darcy acabou de *peidar* em mim!

– A *Sabrina* é uma insuportável que parou na frente da minha bunda!

Lambo distraidamente a Nutella barata da colher, fantasiando sobre derramar acetona no mingau. Só um pouco. Ou bastante.

Haveria alguns contras, como a morte prematura das duas pessoas que

mais amo no mundo. Mas e os prós? Imbatíveis. As mordidas do Golias nos meus dedos dos pés no meio da noite chegariam ao fim. Os cruéis insultos por lavar o sutiã rosa de Sabrina, extravaiar o sutiã rosa de Sabrina, supostamente roubar o sutiã rosa de Sabrina, não estar a par do paradeiro do sutiã rosa de Sabrina, também. Nada mais de pôsteres de Timothée Chalamet me encarando assustadoramente das paredes.

Apenas eu afiando minha faca no silêncio tranquilo de uma cela em uma prisão de Nova Jersey.

– Mallory, a Darcy está enchendo o meu saco...

Largo a colher e vou até o banheiro. São necessários três passos – a propriedade dos Greenleaf é pequena e não muito requintada.

– Se vocês não calarem a boca – digo com minha melhor voz de durona das oito da manhã –, vou levar as duas até a feira e trocar por uvas sem caroço.

Algo estranho aconteceu no ano passado: quase que do dia para a noite, meus dois docinhos, que eram melhores amigas, tornaram-se inimigas mortais. Sabrina fez 14 anos e começou a agir como se fosse descolada demais para ter algum parentesco conosco; Darcy fez 12 anos e... bem, Darcy continuou a mesma. Sempre lendo, sempre precoce, sempre observadora, até demais. E acho que foi por isso mesmo que Sabrina usou sua mesada para comprar uma nova fechadura e expulsá-la do quarto que dividiam. (Acolhi Darcy em meu quarto, por isso o efeito Mona Lisa dos olhos de Timothée Chalamet e a possibilidade de pegar raiva.)

– Ah, meu Deus. – Darcy revira os olhos. – Relaxa, Mallory.

– É, Mallory. Não precisa ficar nervosinha.

Ah, claro: o único momento em que essas ingratas conseguem se dar bem? Quando se unem contra mim. Mamãe diz que é a puberdade. Estou mais inclinada a aceitar hipóteses de possessão demoníaca, mas vai saber. O que eu sei com certeza é que implorar, chorar ou mesmo tentar argumentar com elas não são técnicas eficazes. Qualquer demonstração de fraqueza é cooptada, explorada e sempre termina comigo sendo chantageada a comprar coisas ridículas para elas, como almofadas em tamanho real de Ed Sheeran ou chapéus de formatura para porquinhos-da-índia. Meu lema é *governar*

pelo medo. Jamais negociar com esses tubarões hormonais, anárquicos e sanguinários.

Meu Deus, eu amo tanto essas duas que dá vontade de chorar.

– A mamãe está dormindo – digo entredentes. – Eu juro, se vocês não ficarem quietas, eu vou escrever *bafo de cocô* e *insuportável* na testa de vocês com marcador permanente e vão ter que sair assim.

– Melhor você repensar essa ideia – comenta Darcy, sacudindo a escova de dentes na minha direção – ou a gente manda o Serviço de Proteção à Criança atrás de você.

Sabrina assente.

– Talvez até a polícia.

– Será que ela consegue pagar um advogado?

– Nem pensar. Boa sorte com o advogado que o tribunal escolher para você, sobrecarregado e mal pago.

Eu me apoio no batente da porta.

– Quer dizer que *agora* vocês concordam em alguma coisa?

– A gente sempre concordou que a Darcy tem bafo de cocô.

– Eu *não* tenho... sua *ridícula*!

– Se vocês acordarem a mamãe – ameaço –, eu jogo as duas no vaso sanitário e dou...

– Já acordei! Não precisa entupir o encanamento, querida.

Eu me viro. Mamãe caminha pelo corredor, trêmula, e meu estômago fica embrulhado. As manhãs têm sido difíceis no último mês. Durante todo o verão, na verdade. Olho para trás, para Darcy e Sabrina, que pelo menos têm a decência de parecer arrependidas.

– Agora que já levantei com as galinhas, posso ganhar um abraço das minhas bonecas russas favoritas?

Mamãe gosta de brincar que minhas irmãs e eu, com nosso cabelo loiro-claro, olhos azul-escuros e rosto rosado e oval, somos versões um pouco menores uma da outra. Talvez Darcy tenha ficado com todas as sardas e Sabrina tenha abraçado totalmente a estética VSCO, e eu... se não houvesse tantas roupas boho chic de cinco dólares no brechó, eu não pareceria um cosplay de Alexis Rose. Mas não há nenhuma dúvida de que as três irmãs

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Xeque-mate"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).